

NO TERRITÓRIO DO CORPO: O ESTEREÓTIPO COMO REPRESENTAÇÃO AMBIVALENTE DAS PRÁTICAS SOCIAIS DOS CHAPAS – UBERLÂNDIA-MG 1970/2000

Luzia Márcia Resende Silva¹

Resumo: Neste texto pretendemos apontar elementos para compreendermos as lutas de dominação/resistência/acomodação experimentadas pelos carregadores de mercadorias da cidade de Uberlândia – MG. Estas lutas são desenvolvidas em torno de suas características e práticas corporais, tendo como base o princípio de que o corpo é suporte de memória e a memória um campo de disputas políticas. **Palavras-chave:** corpo, cultura, memória, estereótipo.

Abstract: This text intends to point out elements to the understanding of the domination/resistance/accommodation struggles experienced by loaders in the city of Uberlândia, Minas Gerais, and developed around their corporal characteristics and practices. This analysis is based on the principle that body is a memory support and that memory is a political dispute field.

Key-words: body, culture, memory, stereotopy.

Em uma tentativa de compreender a dinâmica e os mecanismos de funcionamento das sociedades, em uma perspectiva que reafirmasse a vitalidade crítica do conhecimento histórico, privilegiando o uso da história oral como meio de aproximação da realidade social e entendendo que a memória constitui-se sobre diferentes suportes, que se organiza em um importante campo de lutas políticas, que tenho me aproximado das relações e das lutas enfrentadas pelos carregadores de mercadorias na cidade de Uberlândia- MG. Através de suas narrativas, visualizei a existência de uma imagem socialmente desqualificada da categoria de trabalhadores sustentada no estereótipo de que são “violentos, sujos, malandros, ladrões, brigões e bebuns”. Para Bhabha (1998), o estereótipo está colocado na base de relações de dominação, resistência e acomodação, vividas nas disputas por espaços e por lugares com distintas categorias de sujeitos postos em confronto. São exatamente estes aspectos que se encontram presentes no discurso dos carregadores da cidade de Uberlândia. O estereótipo é, ainda, construído

¹Doutora em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e professora do Curso de História do CAC/Universidade Federal de Goiás. E-mail: luzia.marcia@uol.com.br

na base da negação da alteridade com fins de dominação. Ele é, pois, abrangente e, sobretudo, incide sobre todo o ser do outro, seu corpo e toda sua “cultura”.

A inexistência de vínculos empregatícios formais entre os carregadores de mercadorias e aqueles que demandam sua mão-de-obra fragiliza a eficácia das formas de controle social estabelecidas para categorias cujas relações de trabalho são estabilizadas através de normatizações da legislação do trabalho. Deste modo, as lutas de dominação, resistência e acomodação são jogadas para outros planos das relações e passam a incidir sobre elementos de identificação dos sujeitos, tais como: valores, costumes, gostos e hábitos. No caso dos carregadores, estes elementos incidem especialmente sobre as suas práticas corporais. Todos aqueles que não possuem valores, gostos, costumes, hábitos, corpos, ou seja, culturas e/ou modos de viver equivalentes aos praticados e desejados pelas classes dominantes são desqualificados através de estereótipos.

Um primeiro elemento latente em minhas fontes, (entrevistas e jornais) e no conhecimento que me foi possível obter sobre as experiências dos carregadores na cidade de Uberlândia, remete à questão do corpo como lugar de memória e da memória como lugar de disputa. O fato de um grande contingente de homens negros integrar a categoria tem papel significativo no processo de construção de sua imagem social estereotipada. A atividade foi, na cidade de Uberlândia, “uma função de preto” até a década de 1960 (CARMO, 2000) e a presença significativa de homens negros atuando como carregadores é ainda facilmente observável nos pontos.

Outro elemento relevante para a compreensão do estereótipo que cerca os carregadores de mercadorias é a “força física”. Ela é, para estes homens, uma condição necessária para a sobrevivência. Apesar da utilização de alguns instrumentos mecânicos para facilitar um pouco o trabalho dos chapas, estes, em suas entrevistas, afirmam que, mesmo assim, um homem, para ser carregador, deve ter uma grande força física. De modo geral, todos os carregadores reconhecem que, para atuar nesta profissão, é necessário ser “sadio” e dotado de enorme força física, pelo menos de um mínimo que lhes possibilite movimentar algum peso.

Quando perguntamos sobre o perfil de alguém que pretendesse ser carregador, os entrevistados realçaram exatamente a força. Vejamos como alguns dos entrevistados trataram a questão.

Sr. Alírio:²

Compleição, compleição física, né!? [...] ele tem uma boa compleição física e... uma boa índole qui o permita a ... a sabê utilizá essa liberdade qui o sistema lhe permite para qui... né!? [...] hoje, [...] trabalhamos com grandes, com as grandes empresas é... onde a gente é... presta mais sirviço, nós somos auxiliados pela mecanização, [...] Então é piciso qui tenha saúde, compleição física, mais não assim... né!? Como era antigamente, qui seja uma espécie de um lutador de boxe... então, qualquer trabalhador normal [...] qui num tenha problema, ele dá conta, se fô um pôco de... de... de um poco tempo de treino, ele dá conta de praticá esse sirviço, é bastante, em relação ao qui se era o carregadô antigamente, o sirviço qui nós temos hoje, é bastante fácil.

Marcos:³

Pricisa sê sadio, né?!?! O trabalho aqui é pesado, trabalha cum carga e descarga, intão, além de tê um físico avantajado porque a gente trabalha cum sacarias tamém, aí esse é onde é que necessita gente mais forte, mais teno dois braços e duas pernas e vontade de trabalhá, ele é um cooperado.

Sr. Eduardo:⁴

É... pricisa tê ...força, né!? E saúde. Que se ele num fô um cara sadio e num tê força, num adianta ele tê experiência, ele num dá conta [...] então que nem nós tava falano, é o seguinte: tudo depende da força. São duas força, é a força... né!? ... espiritual, né!?qui é a força de vontade, e a força da energia, né !? Porque às veiz tem uma pessoa qui... eu cunheço muitos colega meu qui é magrim, fraquim, trabaia junto cu' nós, mais num dá conta. Ele sabe... sabe fazê uma pia, sabe fazê uma carga, tudo, mais... muitas hora a gente tem qui pegá peso até cento e vinte quilo, até cem quilo sozinho, aí, como qui aquela pessoa pesa quarenta quilo no corpo dele... num dá conta.

A posse de um corpo com resistência suficiente para passar horas carregando pesos que podem variar de 20 a mais de 100 quilos confere aos carregadores um perfil físico que, ao mesmo tempo, é desejado e necessário, causa medo e insegurança entre aqueles com os quais se relacionam. Sendo assim, a formulação dos estereótipos está diretamente ligada ao desejo/necessidade das classes dominantes de

² Ex-carregador e presidente do sindicato dos movimentadores de mercadorias de Uberlândia. Entrevista concedida em 1998.

³ Publicitário, relações públicas da CATT, cooperativa de carregadores, terceirizadora de mão de obra de carregadores. Entrevista concedida em 1998.

⁴ Carregador de mercadorias, com longa experiência, atuando no ponto da praça Tubal Vilela. Entrevista concedida em 1998.

subordinar, disciplinar e manter “no lugar” essa numerosa categoria de homens potentes e fortes, sempre dispostos “a qualquer coisa”, tanto do ponto de vista das tarefas a realizar, como a defenderem seus interesses. A força física dos carregadores, ao mesmo tempo em que precisa ser afirmada como valor de masculinidade, precisa ser controlada. Desta maneira, essa relação de medo, desejo e necessidade inspira a pecha de “brutamontes, brigado e violento”.

Para os carregadores, e, ainda, para uma parcela considerável da sociedade, a força física ainda é um importante valor definidor de masculinidade e de respeitabilidade. Um caso extremo onde podemos perceber o quanto afirmar este valor é importante para esses homens foi encontrado nas páginas policiais do Jornal O Triângulo, de 25/03/93. O título da matéria era “Matou amigo quando media força dentro de restaurante”. Vejamos como foi noticiado o acontecimento:

Josué Sabino de Souza Filho, 28 anos, solteiro, foi morto com dois golpes de punhal, aplicados em seu abdômen pelo colega de trabalho Sebastião Gomes de Oliveira, 37 anos (conhecido como “jegue”), também solteiro, às 19h 59, de anteontem num bar na av. Airton Borges da Silva, 135, no Bairro Industrial depois de ambos discutirem sobre a força física que possuíam.

Trabalhadores em serviços gerais, [...], prestavam serviços para o sindicato dos carregadores e eram bastante amigos [...] depois de terminarem o trabalho do dia, foram para o restaurante denominado “caminhoneiros”. Ali beberam algumas cervejas e houve um desentendimento quanto à possibilidade de força que cada um dispunha. A bebida talvez provocou o desentendimento entre os amigos e foram às vias de fato, chegando a rolar pelo chão, na tentativa de domínio físico. Sebastião, sentindo-se inferior na luta e armado com um punhal de 20 cm, aplicou dois golpes no abdômen de José Sabino e fugiu deixando ali a arma do crime. José Sabino ainda foi socorrido por populares que o conduziram ao pronto socorro do HC da UFU, mas morreu ao receber os primeiros socorros. (O Triângulo, 25/03/1993, p. 6.)

A história do desentendimento entre dois amigos, carregadores filiados ao sindicato, provocada por uma disputa entre ambos, para afirmarem sua força física que culminou na morte de Josué é apenas um caso isolado. A narrativa desta história, entretanto, serve perfeitamente para dizer que a força física é um valor importante para os carregadores porque dependem dela para sobreviver. É evidente que as disputas pela afirmação de força física, entre esses homens, não

acontecem, via de regra, através de brigas. A consciência de que todos possuem uma razoável força física serve de padrão para que este tipo de disputa seja caso raríssimo. Afinal, todos sabem que, em disputas como estas, o desfecho quase sempre é trágico. O conhecimento da força física possuída por homens de determinado grupo, geralmente, ocorre através do desempenho que os vários membros conseguem ter ao longo dos processos de trabalho. O Sr. Eduardo afirmou existir uma solidariedade dos membros mais fortes do grupo para com aqueles mais franzinos, apesar de dizer que há uma preferência pela formação de equipes com homens que possuam mais ou menos o mesmo nível de força, para que ninguém tenha que se sobrecarregar no processo de “dar uma mão” àquele que não consegue acompanhar o ritmo do grupo.

Outro elemento que aparece, sempre ao lado da força física, é a questão da saúde, do vigor, que capacita um homem a exercer a atividade. Destes elementos, podemos apreender a importância do corpo forte e sadio como potencial do qual os carregadores lançam mão para sobreviver. Inúmeras foram as referências feitas pelos entrevistados à questão da saúde, que é associada à juventude e é vista como um atributo natural. Um homem forte é um homem sadio. O exercício do trabalho de carga e descarga é, ao mesmo tempo, visto como promotor da saúde e da força porque “acustuma o corpo”, “faz os nervos dislanchá”, “dá preparo físico”, como também é visto como causa de doença porque “o desgaste é muito grande”, “vai ino, rebenta o cara todinho pur dento”. O trabalho dos carregadores, portanto, ao mesmo tempo em que garante a sobrevivência pode causar a morte porque é “um serviço muito perigoso”.

É comum, na fala dos entrevistados, referências a colegas e conhecidos que sofreram acidentes. Podem cair de um caminhão com peso nas costas; pilhas de mercadorias que estão sendo organizadas podem desabar, caindo sobre os carregadores; pode acontecer de alguém pegar um peso de mau jeito, pisar em falso na correria... Mesmo que os acidentes não sejam muito frequentes, sua possibilidade é, para todos, uma realidade, por isso o trabalho é visto como “muito perigoso”. A compreensão da saúde como um atributo natural faz com que não mereça maiores cuidados que a prática de exercícios, a maioria deles, realizada durante o trabalho, ou nos jogos de futebol aos finais de semana.

O Sr. Antônio⁵ fez referências a cuidados com o corpo com a clara intenção de dialogar com alguns elementos que compõem o estereótipo que envolve a categoria. Entretanto, sua narrativa não indica preocupação com a manutenção da saúde:

tem ota coisa qui eu quero falá... o chapa não pode no sirviço bebedera... não pode bebê... principalmente mudança que tem trem de quebrá... O chapa tem qui durmi na hora certa, ele tem qui levantá sempre cedo, tomá um banho... quê ele tem qui tomá banho... que geralmente tem uma chamada aqui cedo [...] ele tem qui procurá tomá um banho, num pode í fedeno, aquele bafo [...] agora chapa de barracão num tem qui tê muita higiene não, quê lá é... adubo, mio...

Os cuidados que o Sr. Antônio considera importantes a serem tomados pelos chapas, pelo modo como são referidos, demonstram uma preocupação em efetuar uma propaganda positiva do trabalhador na função, procurando desconstruir o estereótipo que os designa como “beberrões”, “homens que passam a noite na farra” e que são, sobretudo, “sujos”. O interessante é que a referência é ao segmento da categoria do qual participava, qual seja, o grupo que lida com a realização de mudanças. Essa referência vem afirmar que os cuidados não estão ligados a nenhum ideal de manutenção da saúde, mas à intenção de criar uma imagem positiva da categoria diante dos seguimentos que demandam trabalho de carregadores para realização de suas mudanças, ou seja, as classes médias e altas. De tal modo que o objetivo do Sr. Antônio é criar uma boa imagem, negando o estereótipo, ao afirmar a necessidade de alguns cuidados importantes com a higiene para que os chapas tenham uma melhor aparência diante dos fregueses e garantir, assim, oportunidades de trabalho. Entretanto, aqueles que julgam não precisar da “higiene” para conquistar a freguesia podem dispensá-la e ir trabalhar nos barracões, pois “chapa de barracão num tem qui tê muita higiene, não”.

Outra questão ligada ao corpo e à boa imagem é o vestuário dos carregadores com relação às diferentes situações ou locais de trabalho, pois o vestuário lhes garante, além da freguesia, o respeito e a confiança. Tanto o Sr. Eduardo, quanto o Sr. Delfim, que atuaram no setor realizando qualquer tipo de tarefa e manuseando qualquer tipo

⁵ Carregador, atuante na área de mudanças, trabalhava no ponto do Posto Chuá. Entrevista concedida em 1998.

de mercadoria, disseram que a vestimenta ideal para um carregador, para que tenha liberdade de movimentos, é uma bermuda folgada e uma camiseta. Ainda assim, afirmaram que, no pico dos momentos de trabalho, a maioria prefere trabalhar sem camisa, porque ela, além de prender, dificulta os movimentos e esquenta muito. O calçado pode ser um chinelo, mas trabalhar descalço garante mais agilidade aos carregadores. Entretanto, alguns preferem trabalhar usando botina gomeira, que, além de ser aderente, é confortável. Os carregadores só se vestem assim quando estão trabalhando em depósitos, pois algumas firmas, preocupadas com a imagem da empresa, e, em alguns casos, por medida de segurança, exigem que eles trabalhem vestidos e calçados. Geralmente, uniformes e equipamentos de segurança são exigidos por empresas que preferem não contratar trabalhadores dos pontos nas ruas, mas sindicalizados e cooperados.

Trabalhar usando calças compridas e camisa torna-se, eventualmente, uma necessidade para promover uma boa imagem e garantir certas oportunidades de trabalho, conforme verificamos no fragmento a seguir:

Eu sempre vô normal, mais só qui na... eu sempre carrego minha muchila, né!? HUM?... pra levá minha troca de ropa. Porque às vezes eu trabalho com a ropa qui eu vô. Pôr que? O serviço... às vezes o serviço obriga. Que nós num trabaiamo só cum sacaria, nós fazemos várias mudança em casa de gente rico. HUM... HUM... Tem casa de rico aí, qui pa gente entrá, tem... ês pede pa nós tirá o chinelo,... HUM?... o calçado. Então, eu vô fazê uma mudança dum... dum cidadão rico aí,... HUM?... tem umas mansão, aí eu num pode é de chinelo, bermuda, uma camisa véia, eu tem qui í com uma ropa... HUM?... né!? A vez é in apartamento, entrá in elevador, levá a mudança, a gente carrega e descarrega e ali os... aquês ricão tá ali no meio e tal... HUM... HUM... então, nós num vai pegá uma bermuda e tal... um camisa suja! Agora, quando é um batidão, mesmo, assim de... pra cuiça roncá mesmo, secá o bagaço, aí é...

O Sr. Eduardo não considera conveniente ser visto pelos “ricão” usando bermuda, camiseta e chinelos, talvez porque, compreendendo a importância que a vestimenta tem na determinação de quanto respeito uma pessoa vai receber em nossa sociedade e, particularmente, na cidade de Uberlândia, ele reivindique, deste modo, ser respeitado. O fato de os chapas se deslocarem para os pontos de trabalho trajados como qualquer outro trabalhador pareceu-me também ter como objetivo

igualá-los à multidão, impedindo, assim, de serem imediatamente identificados. O Sr. Eduardo faz referências à roupa como elemento utilizado para se “camuflar” e não ser identificado como chapa, sendo alvo de preconceito:

se eu acabasse aquele serviço, o dia inteiro, a semana inteira, um mês, trocasse uma roupa, saía na rua todo arrumadinho, ... Nego falava: Ah... cunhecesse o tipo do meu serviço, ... HUM?... fala: Ah, é chapa, é... que eles num fala descarregador não, né?! Eles fala chapa, isso, aquilo, num tem valor, é bandido, é malandro, é baguncento...

Procurar não ser identificado como carregador, trajando-se “todo arrumadinho”, para poder transitar por lugares sem ser identificado como “chapa”, parece uma estratégia bastante perspicaz de quem, em certa medida, percebendo a superficialidade de determinados valores dos grupos sociais dominantes, apropria-se deles em uma tentativa, poderíamos dizer, de zombar daqueles que não os valorizam pelo que são, mas pelo que vestem.

Outro elemento, que compõe a imagem socialmente desqualificada da categoria dos chapas, é o de que são “cachaceiros/bebuns”, ou seja, que existe no interior da categoria um elevado índice de alcoolismo. Este fator também remete-nos às suas práticas corporais. A ingestão de álcool no Brasil e no mundo é uma realidade entre todas as camadas sociais. Podemos dizer, com certa segurança, que o alcoolismo não é uma questão ligada apenas às classes pobres. Pierre Mayol (1998), em *A Invenção do Cotidiano 2*, dedica um capítulo para realizar uma reflexão acerca de “O pão e o vinho”. Os significados e discursos em torno da questão da ingestão alcoólica abordados pelo autor são bastante instigantes, porque também podem ser estendidos à categoria dos carregadores. Mayol (1998, p. 135) diz que existe uma indisfarçável ambivalência no discurso sobre o vinho, porque “o prazer do bem beber tende sempre para o limite de beber em demasia”. Além disso, o autor afirma que o uso exagerado da bebida vai sempre desembocar na enfermidade, na destruição e na morte. Acredito que os discursos produzidos, sobre o fato de os homens que trabalham realizando carga e descarga de mercadorias terem como prática tomar bebida alcoólica, estão ligados a esta ideologia.

Beber em demasia é algo que pode tornar um homem desqualificado socialmente. Os padrões para se considerar que alguém

bebe em demasia estão ligados ao tipo de comportamento que assume após ingerir bebidas alcoólicas. Sendo assim, é considerado que um homem ultrapassa os limites quando é visto como alguém que “não sabe beber”, porque quando bebe, independente da quantidade, torna-se agressivo ou aborrecido. O “não saber beber” é fortemente detectado quando o homem deixa de cumprir as obrigações que lhe são atribuídas como chefe de família ou como membro de determinado grupo. O fundo do poço para aquele que bebe é quando, além de não prover as necessidades da família, torna-se, ainda, violento nas relações domésticas, ou, no pior das hipóteses, vai parar na sarjeta.

Assim, o critério para se saber se alguém passou dos limites não é quantitativo, pois diz respeito, principalmente, ao comportamento do indivíduo após ingerir bebida alcoólica. Todos os entrevistados fizeram referências à existência da prática da ingestão de bebidas alcoólicas entre os homens que atuam na atividade de carregador. Entre todos os entrevistados, o único que indicou possíveis problemas acarretados pela bebida foi o Sr. Antônio. Todos os demais carregadores não apresentaram, em suas formulações, qualquer perspectiva que pudesse apontar para a visualização do uso de bebidas como algo problemático. As duas posturas foram colocadas em confronto, pois este fator é, por um lado, um dos elementos que constituem suas práticas e, por outro lado, faz parte das qualidades apontadas como negativas para desqualificar a categoria.

O Sr. Eduardo, ao dialogar com a questão da ingestão de bebidas alcoólicas, colocou o álcool como presente em suas práticas em diversas dimensões. Sua primeira referência foi como elemento aglutinador do grupo, como elemento de ligação, uma vez que, segundo ele, um dos momentos em que a convivência é mais sadia é “quando a gente tá trabaiano, qui vorta do serviço, é mais sadio ainda, que aí ajunta todo mundo, aquela panelinha, já vai procurá logo é um buteco pra tomá uma pra...” Em sua referência, quando os carregadores reúnem-se em um boteco “pra tomá uma”, após o expediente, a cachaça remete-nos a um elemento que propicia um momento de alívio e descontração para aqueles homens exaustos. O que Sr. Eduardo deixa entrever é que a cachaça ou cerveja, como aglutinador do grupo, após a jornada do dia, seria como um bálsamo a propiciar-lhes alegria, conforto e descanso. Outro papel que atribui à bebida é o de energético que ajuda os carregadores a enfrentar suas tarefas:

às vezes nós trabalhamos assim, muito serviço... mercadoria poerenta, suja, né!? Serviço brabo! Ai o cara chega naquela ânsia pra tomá uma cerveja! Porque num tem um carregadô qui num beba, é muito difícil, só se ele fô doente! Mais a maior parte bebe. Bebe porque o serviço obriga você a bebê. COMO É QUI É ISSO? CONTA AÍ, COMO É QUI O SIRVIÇO OBRIGA! Porque é o seguinte: muitas vezes a gente vai trabaiaá, aí numa firma... vamo cum milho, insacá um milho a granel... HUM... HUM... aquele milho vem muito pó, muita poera, veneno... HUM... HUM... e... aquilo nós fica respirano, né!? aquilo... Ai a gente acha qui o remédio é tomá uma... uma pinguinha pa quemá a garganta, quemá a poera... HUM... e... e a gente sai... por inxemplo, a gente gasta... sôa muito, dento de uma hora. Uma hora, duas hora de serviço, é suano muito, nós disgasta muito, é igual uma sauna ... HUM... HUM... que aquilo ali é currido, é serviço pesado e aquele disgate físico, soa dimais, qual é a vontade qui dá? Tomá uma cervejinha gelada e tal...sabe? acalmá o ânimo, né!?

O Sr. Eduardo expressa com muita contundência os fatores que, segundo ele, “obrigam” os carregadores a ingerirem bebidas alcoólicas. A bebida seria um recurso utilizado para permitir-lhes enfrentar a insalubridade e o desgaste físico, próprios da atividade que realizam. As colocações do Sr. Eduardo são um potente argumento na justificação da prática da ingestão de álcool pela categoria. Os fatores apontados por ele como elementos que tornam quase impossível alguém atuar na atividade sem recorrer a esse “remédio e energético” não são, absolutamente, considerados na construção do estereótipo de “cachaceiro”, pois este não tem como objetivo compreender razões, mas exatamente destituir a prática de qualquer justificativa prévia para julgar os carregadores.

De acordo com Homi K. Bhabha,

o estereótipo não é uma simplificação porque é uma falsa representação da realidade. É uma simplificação porque é uma forma presa, fixa de representação que, ao negar o jogo da diferença, constitui um problema para a representação do sujeito em significações de relações psíquicas e sociais (BHABHA,1998, p. 117).

No caso dos carregadores, o estereótipo tem suas bases alicerçadas na ânsia de discipliná-los, que passa pela negação de suas culturas e, neste caso, de suas características e práticas corporais. O estereótipo é histórico porque tem existência enquanto fato, mas cumpre a função de deslocar os sujeitos e suas relações da história. Por isso, nos é impossível encontrar um homem concreto que a ele corresponda.

O estereótipo está no cerne das lutas pela sobrevivência dos carregadores, portanto, de suas lutas por direitos e espaços na cidade. Ele se constitui no processo de lutas entre os vários tipos de sujeitos que pleiteiam direitos e espaços. Além disso, o estereótipo afirma-se no contexto das lutas de dominação/acomodação e resistência e é continuamente reposto como instrumento de luta, só existindo enquanto fato porque se situa nos modos hegemônicos de visualizar a sociedade e os vários grupos que nela se confrontam. O estereótipo, desta maneira, manifesta-se como uma imagem hegemônica da categoria do grupo dos carregadores para a sociedade como um todo e, ainda, para aqueles grupos que demandam a sua mão-de-obra e que se interessam, sobretudo, em discipliná-los para o trabalho.

Segundo Ilson, um dos entrevistados,

É essa e... visão de ... cara é malandro, é... também é ladrão...
(AH É?!) É, brigadô, esses cara qui mete a faca, qui qualqué coisinha tá meteno a faca. Hoje im dia num tem gente assim, eu num cheguei a cunhecê gente assim aqui, mais já teve, então as vezes no meio de cem pessoas tem um assim e faiz o nome de todo mundo ali

Sem dúvida, os três elementos apontados por Ilson “malandro, ladrão e brigadô”, são eixos sobre os quais se assentam os estereótipos que, efetivamente, não correspondem às práticas dos carregadores, pois, se assim o fosse, ser-lhes-ia impossível sobreviver na cidade, exercendo sua atividade. Entretanto, se observarmos o modo como são constituídas as relações históricas entre os carregadores e aqueles que demandam seu trabalho, perceberemos que elas estão construídas fortemente com base nas relações de “confiança”. Além disso, essas relações têm, em seu horizonte, o modo, tanto dos carregadores, quanto daqueles que precisam de seu trabalho, de lidarem com o estereótipo, segundo o qual, por princípio, os carregadores são “sujos, malandros, ladrões, brigões, violentos e bebuns”. Desse modo, só o estabelecimento da “confiança” é capaz de fazer com que os trabalhadores dialoguem pessoalmente com o estereótipo, mostrando uma outra visão de sua identidade enquanto carregador. Além disso, os fregueses também ajudam a demonstrar que aquele carregador específico, no qual têm confiança, não corresponde ao estereótipo. Entretanto, o procedimento dos estabelecimentos pessoais e das relações de confiança não cumpre o papel de desconstruir o estereótipo, mas de lidar com ele.

O que pude perceber no estereótipo que circunda a categoria dos carregadores foi um caráter que é, ao mesmo tempo, de dominação e resistência. A imagem estereotipada cumpre o papel de disciplinar, de restringir espaços e direitos dos carregadores na cidade, sendo útil a outras categorias que querem seus interesses e culturas hegemônicas na cidade. Além disso, o estereótipo também é utilizado pelos carregadores nas disputas por eles empreendidas, seja para garantir acesso ao trabalho, onde, através da conquista da confiança, apenas “eu e meu grupo” somos dissociados da imagem desqualificada, seja como forma de garantir respeito às regras.

Referências Bibliográficas:

BHABHA, Homi K. O local da cultura. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1998.

CARMO, Luiz Carlos. Funções de preto. 2000. Dissertação (Mestrado em História), PUC de São Paulo, São Paulo.

MATOU amigo quando media força dentro de restaurante. O Triângulo. Uberlândia, 25 mar. 1993. p. 6.

MAYOL. Pierre. O pão e o vinho. In: CERTEAU, M.; GIRARD, L. M A invenção do cotidiano 2. Morar, cozinhar. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 131-149.

POLLACK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 4-15, 1989.

THOMPSON, E. P. Costumes em comum. Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Artigo recebido em maio de 2007 e aprovado em junho de 2007.